

# AS 'BRIZOLETAS': SENTIDO, CONTEXTO HISTÓRICO E CONTRASTE COM O TEMPO PRESENTE

THE 'BRIZOLETAS': SENSE, HISTORICAL CONTEXT AND CONTRAST WITH THE PRESENT TIME

Gaudêncio Frigotto<sup>1</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. endereço  
gaudenciofrigotto02@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-2023-5654>

## Resumo

Este artigo busca resgatar o sentido social, político, cultural e educacional do projeto de ação. Nenhuma criança ficou fora da escola no período que Leonel de Moura Brizola governou o Estado do Rio Grande do Sul, no mandato que iniciou em 1959. O projeto envolvia a construção de centenas de pequenas escolas públicas laicas, especialmente na zona rural, popularmente foram denominadas de "brizoletas". Onde houvesse vinte crianças a serem escolarizadas, construiu-se uma escola, com uma professora predominantemente com curso normal substituindo professores leigos e vinculados ao poder político ou religioso local. O texto efetiva uma relação entre os contextos históricos e sentido político das 'brizolistas' e dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPS), comumente denominados de "brizolões". O artigo tem um aspecto de depoimento, pois fui da primeira geração que estudou nas "brizoletas" e acompanhei a implantação dos CIEPS/brizolões ao longo dos dois mandatos do governador Leonel Brizola no Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** Política educacional; resgate histórico; "brizoletas"; "brizolões"; escola pública.

THE 'BRIZOLETAS': SENSE, HISTORICAL CONTEXT AND CONTRAST WITH THE PRESENT TIME

## Abstract (Fonte: Isidora, 10 pts – negrito - justificado – caixa baixa)

This article seeks to rescue the social, political, cultural and educational sense of the action project. No child remained out of school in the period that Leonel de Moura Brizola ruled the State of Rio Grande do Sul, in the mandate that began in 1959. The project involved the construction of hundreds of small secular public schools, especially in the countryside, popularly called "brizoletas". Where there were twenty children to be educated, a school was built, with a teacher dominant with normal course replacing lay teachers and linked to the local political or religious power. The effective text a relationship between the historical contexts and political sense of the 'brizolistas' and the Integrated Centers of Public

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia e Pedagogia. Mestre e Doutor em Educação. Professor titular em Economia Política da Educação na Universidade Federal Fluminense (aposentado) e, atualmente, professor associado no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A R T I G O



Education (CIEPS), commonly called "brizolões". The article has an aspect of testimony, because I was the first generation who studied in the "brizoletas" and followed the implementation of CIEPS/ brizolões over the two terms of Governor Leonel Brizola in Rio de Janeiro.

**Keywords:** Educational policy; historical rescue; "brizoletas"; "brizolões"; public school.

LAS BRIZOLETAS: SENTIDO, CONTEXTO HISTÓRICO Y CONTRASTE CON EL TIEMPO PRESENTE

### Resumen

Este artículo busca rescatar el sentido social, político, cultural y educativo del proyecto de acción. Ningún niño permaneció fuera de la escuela en el período que Leonel de Moura Brizola gobernó el Estado de Rio Grande do Sul, en el mandato que inició en 1959. El proyecto implicaba la construcción de cientos de pequeñas escuelas públicas laicas, especialmente en la zona rural, popularmente fueron denominadas "brizoletas". Donde había veinte niños a ser escolarizados, se construyó una escuela, con una profesora predominantemente con curso normal sustituyendo profesores laicos y vinculados al poder político o religioso local. El texto hace efectiva una relación entre los contextos históricos y el sentido político de las brizolistas y de los Centros Integrados de Educación Pública (CIEPS), comúnmente denominados "brizolones". El artículo tiene un aspecto de testimonio, pues fui de la primera generación que estudió en las "brizoletas" y acompañé la implantación de los CIEPS/brizoles a lo largo de los dos mandatos del gobernador Leonel Brizola en Río de Janeiro.

**Palabras-clave:** Política educativa; rescate histórico; "brizoletas"; "brizoles"; escuela pública.

### Introdução

Este breve texto tem em sua gênese, em parte, um caráter de inventário pessoal, mas que, como seres sociais que somos, expressa um amplo campo de mediações. Estas dizem respeito à classe ou à fração de classes que formam a base da materialidade das possibilidades ou impossibilidades de sujeitos individuais desenvolverem sua humanidade no plano das necessidades básicas e no âmbito dos direitos sociais e subjetivos da educação, saúde, cultura e lazer. Como expressam de forma inequívoca Marx e Engels:

Se o homem é formado pelas circunstâncias, será necessário formar as circunstâncias humanamente. Se o homem é social por natureza, desenvolverá sua verdadeira natureza no seio da sociedade e somente ali, razão pela qual devemos medir o poder de sua natureza, não através do poder do indivíduo concreto, mas sim através do poder da sociedade (ibid., p. 150.)

Dentre as mediações, certamente, para os que veem da classe trabalhadora do campo e da cidade, a educação escolar tem um papel central tanto no desenvolvimento das potencialidades e dos sentidos humanos quanto como elemento principal no processo de construção e apropriação dos conhecimentos necessários e facilitadores na produção material da existência.

O caráter de inventário deriva do fato de que, como filho de pequenos agricultores numa das regiões mais pobres do Rio Grande do Sul, fiz parte da geração que nasceu no fim da década de 1940, a qual começou a se beneficiar do projeto que, como veremos adiante, rompe com um tipo de escola, mormente do campo.

Nesta breve análise, buscarei sublinhar o sentido do projeto do governo Leonel de Moura Brizola — Nenhuma criança fora da escola —, que marcou a sua campanha a governador do Rio Grande do Sul em 1958, fator decisivo em sua eleição, e de sua ação concreta posterior, a partir de 1959, como governador do Estado. Em seguida, realçar a importância desta proposta educativa de Brizola no contexto político e social da década de 1950 e o seu sentido para, particularmente, as crianças e os jovens do campo.

Por fim, a título de considerações finais e como item de interpelação ao pensamento social e educacional crítico, tentei perceber o potencial do ideário de nenhuma criança fora da escola pública, universal, gratuita e laica, em contraste com o tempo presente de profundo obscurantismo no campo da educação e do conhecimento, de mercantilização literal da educação pública e da frontal liquidação da nação num pacto de subserviência ao imperialismo norte-americano pelo atual governo. Num sentido mais amplo, talvez, um indicativo dos equívocos de setores da esquerda brasileira e da própria historiografia em relação à importância do homem e do político Brizola, em especial, quanto à coerência do que defendia e à luta política para a ação prática.

## **1. O sentido político e pedagógico das Brizoletas: além da construção de milhares de escolas.**

Como assinalai anteriormente, pertenço à geração que iniciou a vida escolar nas Brizoletas ou, como também eram denominadas pela população, escolinhas de Brizola. A ideia de nenhuma criança fora da escola constituía-se uma continuidade da gestão de Brizola na Prefeitura de Porto Alegre, no período de 1956, até a sua eleição para governador em 1958.

A educação pública focada nas populações mais pobres foi um dos temas centrais ao longo de toda a vida política de Brizola. Isto se liga a razões relativas à própria história de menino pobre do interior, onde as escolas, além de poucas, eram controladas por políticos e por denominações religiosas conservadoras. O professorado, em sua maioria sem formação pedagógica adequada, assumia as escolas por indicações de políticos, padres ou pastores. Mas também, certamente, as razões de natureza pessoal de eleger a educação como uma de suas agendas políticas permanentes inscrevem-se num contexto histórico mais amplo, em que a erradicação do analfabetismo e a ampliação da educação, hoje denominada Básica (Ensino Fundamental e Médio), vinculavam-se às reformas de base e à construção de um projeto de desenvolvimento econômico autônomo. Isto se relaciona de forma permanente e forte à ação política de Brizola na crítica ao imperialismo, defesa da nação e da democracia.

Quanto ao primeiro aspecto, nota-se que o jovem Brizola, quando saiu do interior e foi para Porto Alegre estudar e quando universitário, fez parte do movimento estudantil. Ainda universitário, ingressou no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), assumindo o papel de atuar com a juventude. A educação pública, com foco nos filhos e filhas dos trabalhadores, acompanhou Brizola por toda a sua vida pública.

Desse modo, quando prefeito de Porto Alegre, multiplicou o número de escolas, mas foi como governador que desenvolveu uma ampla cruzada na construção de escolas, aumentando o número de matrículas de forma impressionante. Para isso, envolveu as prefeituras e as comunidades na construção das escolas atingindo, sobretudo, as regiões mais pobres e distantes.

Onde houvesse um grupo de mais de 20 crianças era construída uma escolinha padronizada, quase mantendo o estilo de uma casa. Um porão e, acima, a escola construída com madeira. O porão servia de espaço para a comunidade, onde normalmente funcionava um bar, sendo também ponto de encontro para jogos de cartas e, em algumas regiões, para reuniões dançantes (bailes). O aumento do número de escolas, salas de aula, novas matrículas e contratação de professores foi extraordinário, como revelam os dados abaixo.

Multiplicou as salas de aula, criando uma rede de ensino primário e médio que atingiu os municípios mais distantes, inclusive nas zonas do pampa, de baixa densidade populacional, criando 5.902 escolas primárias, 278 escolas técnicas e 131 ginásios, colégios e escolas normais, totalizando 6.302 novos estabelecimentos de ensino. Abriu 688.209 novas matrículas e admitiu 42.153 novos professores .

O efeito deste esforço foi decisivo para demarcar um enorme salto na educação pública no Rio Grande do Sul, tanto no plano quantitativo como no qualitativo. E essa mudança qualitativa se materializa principalmente em dois aspectos centrais. Primeiro, pela contratação de novos professores concursados, dando à escola o caráter público e laico. Isto, por certo, não eliminou a influência das forças políticas e religiosas conservadoras, mas representou uma nova relação da escola com as comunidades locais. Entretanto, um segundo aspecto, que facultou uma nova qualidade à educação, foi o nível de formação dos professores contratados.

Tomando como exemplo a escola municipal unidocente Borba Gato , na capela São Paulo, município de Paim Filho – RS, onde cursei as quatro séries iniciais, pode se ter a ideia do salto qualitativo que recebeu a educação no interior do estado. Antes de mim, estudaram nesta escola minha irmã e cinco irmãos, já que eu sou o sétimo da família. Todos eles e seus colegas da época têm péssimas recordações dessa instituição, pois era dirigida sob a austeridade de um professor sem preparo pedagógico específico, autoritário e

subordinado às forças políticas e religiosas conservadoras locais. Os castigos, aplicados perante os colegas, eram severos e humilhantes, e variavam entre colocar de joelho sobre grãos de milho e bater nas mãos com régua ou com varas de marmelo.

A construção da Brizoleta não apenas substituiria o velho prédio da escola ou estaria sendo erguida onde nunca existira uma instituição de ensino, mas teria uma recém-formada normalista como professora. Talvez o curso normal correspondesse, no contexto dos anos de 1950, aos atuais cursos superiores de graduação nos quais a maioria dos professores se forma.

Assim, comecei minha vida escolar, tendo como professora Terezinha Dariva que, por ser descendente de italianos, falava o mesmo dialeto e, como tal, apesar de a língua portuguesa ser a oficial, o valorizava. Na escola normal, por outra parte, as estudantes tinham uma formação pedagógica, no plano teórico e metodológico, direcionada para a infância. Também não mais se praticavam os castigos que até então eram vistos como normais. Em síntese, trata-se de uma mudança do sentido da função educativa e social da escola pública, dando-lhe um caráter de direito social público, gratuito, universal e laico.

Como a educação pública sempre ocupou a agenda política de Brizola, um dado a ser registrado, que não é objeto deste texto, é qual a relação das Brizoletas de seu projeto de governo no Rio Grande do Sul com os Brizolões em seus dois governos no estado do Rio de Janeiro. Certamente há total coincidência no que se refere ao foco na educação, em especial para as populações pobres. No plano da natureza do projeto das Brizoletas e dos Brizolões, não apenas o contexto histórico é outro, como também se trata de duas políticas com sentido diverso. Enquanto as Brizoletas ampliaram o sistema educacional como um todo no Rio Grande do Sul e numa mesma rede, os Brizolões se constituíram um projeto paralelo. Qual seria a razão desta diferença?

Uma vez mais, em caráter de depoimento, fiz esta questão diretamente ao então governador Brizola por ocasião de um ato público no lançamento da

revista *Informação Pedagógica*. Na oportunidade, a professora Lia Ciomara Faria me apresentou ao governador como um ex-aluno das Brizoletas, o que fez com que os olhos de Brizola brilhassem e ele entabulasse uma conversa. Comentando com ele a importância daquele projeto para as crianças do interior e do campo, em dado momento lhe perguntei por que em vez de Brizoletas, que formavam a mesma rede escolar pública, no Rio de Janeiro se optou por Brizolões, em uma rede paralela. A resposta a minha questão foi rápida e direta: “Faça esta pergunta ao Darcy.” Minha tradução à época foi a de que isso se devia mais à concepção de Darcy Ribeiro.

Brizola sempre foi um político de embate e de ação concreta. Darcy Ribeiro, como intelectual foi um extraordinário antropólogo, mas como gestor da educação, alinhava-se a uma concepção de forte traço idealista. O certo é que os Brizolões, embora com uma proposta pedagógica e educativa bem formulada e relevante, não tiveram a mesma capilaridade e adesão da sociedade, e isso, pelo menos em parte, facilitou a sua dissolução em diferentes governos posteriores dentro da tradição política de destruir o que o adversário político construiu, não importa a que custo para a sociedade.

## **2. O contexto histórico da proposta de ação: Nenhuma criança fora da escola**

O aspecto de traço pessoal de defesa da educação de Brizola se materializa num contexto histórico de intensa mobilização da sociedade brasileira pelas reformas de base, dentre elas a reforma agrária da qual ele foi permanente defensor. Nesse contexto, a educação é situada como imprescindível ao projeto de mudanças estruturais e do desenvolvimento econômico, social e cultural.

O partido político do qual Brizola fazia parte, na época, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) reunia forças engajadas na luta pelas reformas de base, entre elas a reforma agrária, da qual Brizola foi um defensor, em um cenário no qual o projeto educacional, em especial de erradicação do analfabetismo, mas não apenas nesse aspecto, assumia centralidade. O livro A

pedagogia do oprimido, escrito por Paulo Freire, neste sentido, é a síntese de um tempo que revela outra concepção de alfabetizar os adultos. Tratava-se não apenas de ensinar a ler e a escrever, mas de uma leitura engajada na compreensão das relações de opressão e exploração das quais resultavam a desigualdade, a pobreza e o analfabetismo. Inserem-se neste ambiente o cinema novo, o teatro de rua e a música popular brasileira. Um tempo de fermentação política interrompido pela ditadura empresarial militar por vinte e um anos.

O vínculo da proposta ativa de nenhuma criança fora da escola no contexto anteriormente referido é realçado por Claudemir Quadros em texto em que analisa diferentes aspectos do projeto das Brizoletas do governo Brizola no Rio Grande do Sul, entre 1959 e 1963.

Cabe reiterar que a ação educacional exercida por Brizola, enquanto governador do Rio Grande do Sul, longe de ser ocasional e fortuita, insere-se na perspectiva das políticas sociais de Estado que, neste caso, buscavam basicamente adequar as políticas públicas voltadas à educação ao projeto nacional-desenvolvimentista e modernizar a sociedade sob a égide do Estado. Sobre esses elementos convergem também a ideologia desenvolvimentista, o populismo e a decisão política de Brizola, que acabam por compor um quadro complexo em que a educação é eleita como matriz privilegiada do progresso e responsável pelo desenvolvimento e pela superação do subdesenvolvimento (QUADROS, 2001, p. 1).

Não cabe aqui trazer o debate sobre a ideologia do desenvolvimento e da natureza do populismo que a historiografia debita a Brizola. Certamente um tema de relevância, sobre o qual a literatura trata por diferentes perspectivas. Para o teor da análise que trago neste texto, cabe realçar que, com matizes teóricos e políticas diferentes e de formação acadêmica diversa, certamente Brizola, no plano político, se vincula à luta de uma geração que buscou construir uma nação e sociedade autônomas, soberanas e que se empenhou na defesa da democracia numa das sociedades mais violentas, opacas e desiguais

do mundo. Isto me parece central para o campo de esquerda, nos seus diversos matizes, para pensar o momento presente e não repetir os erros do passado.

Uma dupla observação de Florestan Fernandes, fiel à perspectiva de Marx e Engels de que as abstrações do dever ou as ideias por si mesmas não mudam, o que muda é a ação prática (objetiva e subjetiva), não descarta o dever das personalidades nos processos revolucionários. Isto permite perceber o papel da vida e a ação política de Brizola na luta pela transformação das relações sociais produtoras da desigualdade descomunal que nos afeta até o presente no Brasil. Transformações que, sem cair na tese do etapismo, são condição material, fruto de lutas concretas na ação prática, para mudanças que buscam a superação do capitalismo por uma sociedade socialista.

Florestan, ao tratar questão “quem faz a revolução?” ao mesmo tempo que critica a visão do ato heroico individualizado, não descarta a importância das personalidades nos processos revolucionários.

A historiografia marxista nunca anulou a importância da personalidade nos processos históricos e jamais praticou uma redução mecanicista, que excluísse seja o fator humano e psicológico, seja o grande homem e os líderes exemplares da explicação causal da história. O que distingue o marxismo, a esse respeito, é a tentativa de compreender a revolução como fenômeno sociológico de classe (FERNANDES, 2003, p. 65).

Com esta mesma clareza Florestan Fernandes faz a crítica à social-democracia por capitular a visão de que é possível reformar o capitalismo e, portanto, mover-se no limite da democracia burguesa. Entretanto, como a história não é mecânica e linear, Florestan sublinha as lutas de caráter anticolonias e anti-imperialistas.

Algumas das principais revoluções proletárias de nossa época têm essa origem e a opção pelo socialismo se deu exatamente para enfrentar e resolver os problemas e os dilemas sociais que o capitalismo colonial, o capitalismo neocolonial e o capitalismo dependente não se colocam (nem podem se colocar) (ibid. p. 109).

Dentro do teor destas duas colocações podemos, sem justapor posturas conflitantes ou divergentes, verificar pontos de unidade (no diverso) com as ideias e ações que pautaram a vida do líder político Brizola. Na sua agenda permanente identifica-se a luta pela educação pública; a crítica contínua ao imperialismo na busca de construir uma nação autônoma e soberana; a defesa das nossas riquezas naturais historicamente saqueadas; o embate pelas reformas de base; e a defesa constante do Estado de direito democrático. Uma agenda que lhes valeu o exílio decretado pelas forças econômicas e políticas promotoras da ditadura empresarial militar.

### **3. A título de considerações finais ou tempo presente: uma direção oposta à herança e ao contexto histórico das Brizoletas**

“O intelectual não cria o mundo no qual vive. Ele faz muito quando consegue ajudar a compreendê-lo e a explicá-lo, como ponto de partida para a sua alteração real” (Florestan Fernandes). Olhando no retrovisor da história e seguindo o que Walter Benjamin busca explicitar ao nos convidar a analisar a história a contrapelo, a experiência das brizoletas, sob a ideia de nenhuma criança fora da escola, e o contexto político, social e cultural referido anteriormente têm muito a nos interpelar sobre o que nos trouxe até aqui e, particularmente, sobre a esfinge política, social e cultural que nos ameaça no tempo presente.

Passadas sete décadas, percebe-se que o horizonte que assinalava esta experiência, no plano da educação, e as lutas mais amplas pelas reformas de base na qual se inseria, interrompidas pela ditadura empresarial militar, continuaram na agenda, mas não lograram marcos de não retorno, para usar uma expressão de Francisco de Oliveira (*in memoriam*).

Com efeito, a despeito de avanços conjunturais na Educação Básica, pós-Constituição de 1988, continuamos com aproximadamente 13 milhões de analfabetos, metade dos jovens que deveriam estar cursando o Ensino Médio em idade regular está fora da escola. No âmbito das reformas de base, o cenário não é diferente. O latifúndio aumentou e a reforma agrária estagnou

em parques assentamentos, apesar da luta heroica do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). A tributação continua brutalmente regressiva, aprofundando a desigualdade social. A estrutura política reproduz sistematicamente o poder do latifúndio e do capital.

Todavia, qualquer pesquisador e cientista social atento e rigoroso não poderia prever o que vivemos no presente: um governo de extrema direita, de matiz neofacista, na direção do que aponta Bobbio, como indicado na nota 4 . O que a sociedade brasileira vive neste momento é um retrocesso histórico sem precedentes na educação, na economia, na política, na cultura e no tecido social no seu conjunto. Uma situação em que a cada dia se aprofundam medidas marcadas pela tríade da estupidez, insensatez e insanidade humana, demarcadas pelos fundamentalismos econômico, político e religioso .

No campo da educação, as contrarreformas pós-golpe de Estado de 2016 se aprofundam na sua negatividade e violência no governo Bolsonaro. Com efeito, a Emenda Constitucional no 95 (EC 95/2016), a qual congela por vinte anos investimento no setor público, liquida no conjunto a possibilidade de avanços da esfera pública, único espaço de atendimento aos direitos universais. O congelamento por vinte anos de investimentos para além da inflação significa a agonia de sua liquidação. Esta Emenda desdobra-se na sua letalidade pelas contrarreformas trabalhista da Previdência e, no campo específico da educação, pela contrarreforma do Ensino Médio, definição das novas Bases Comuns Curriculares Nacionais e o Programa Future-se para as universidades públicas.

Não há como não perceber que se trata de um frontal ataque ao direito constitucional à Educação Básica e à autonomia financeira, uma clara opção pela simples privatização da educação em todos os níveis. Acresce-se o controle ideológico da educação pelo seu viés moralista e militarista. Há três décadas, Darcy Ribeiro sinalizava que se não tomássemos a sério a educação, o futuro reservado para nós seria a construção de cadeias. O futuro chegou.

A matança e o encarceramento de pobres, em sua maioria jovens negros, é agenda explícita do Estado brasileiro noticiada e apoiada

diuturnamente pela mídia empresarial. A demanda é a construção de mais cadeias e não de mais escolas. Culpa-se duplamente os que foram condenados por uma estrutura social implacavelmente desumana. O estado do Rio de Janeiro planeja construir mais quarenta unidades prisionais para jovens entre 12 e 17 anos. Em todos os estados da União há a intenção de se criar mais casas de detenção.

O retrocesso no plano da soberania nacional e da democracia, sempre parciais e restritas pela opção da burguesia brasileira por um projeto de capitalismo dependente, condensa o furor da esfinge a ser decifrada e reúne forças para enfrentá-la antes que o pior aconteça. Os sinais do pior estão explícitos no alinhamento e na subserviência total ao projeto imperialista dos Estados Unidos. A venda ou desnacionalização do pouco que resta, em particular as riquezas naturais, minérios e petróleo, e a destruição do parque industrial nos tornam um país expropriado de futuro.

As consequências sociais e humanas são previsíveis, e seu custo só poderá ser contido pelo que se poderia denominar de ditadura híbrida, um subproduto das estratégias denominadas por Andrew Korybko de Guerras híbridas. Das revoluções coloridas aos golpes (KORYBKO, 2018), adotadas pelos Estados Unidos, a partir do século XXI, para desestabilizar governos não alinhados. Os ingredientes de manipulação massiva da opinião pública, a desmoralização e a anulação e o ódio dos adversários, e o uso do arbítrio da lei e da força das armas fazem parte desse hibridismo em nosso meio.

O retrocesso, sob todos os aspectos que se queiram avaliar, é de tamanha ordem e seus efeitos tão devastadores à vida e ao futuro das gerações que cobra, em especial ao campo das esquerdas, em sua ampla diversidade, um inventário sobre as causas que nos conduziram a essa tenebrosa situação. A experiência das Brizoletas e seu contexto histórico de luta por reformas de base, de soberania nacional, de combate ao imperialismo, e defesa e ampliação da democracia e do Estado democrático de direito, têm algo a assinalar. Destaco apenas um ponto e sua correlata consequência, no plano da ação

estratégica, para enfrentar a esfinge que engendra o corpo das forças internas e externas do atual governo.

Esse ponto é a necessidade de a parte revolucionária da esquerda, na qual me inscrevo, entender que se corretamente não se trata de reformar o capitalismo, mas de derrotá-lo, e o caminho a percorrer para isso não permite atalhos abstratos do dever ser. Isto significa que, se pautados concepção histórica e método de Marx e Engels, o que nos escapou, pelo menos em grande parte, foi de atuar, no plano da prática, dentro das condições dadas pela realidade.

O dado que me conduz a esta conclusão, ou talvez a melhor hipótese a perquirir, é que a agenda da luta pela educação pública — nenhuma criança fora da escola, do livro de Paulo Freire, *Pedagogia do oprimido* —, pelas reformas de base e pela democracia e Estado democrático de direito permanentemente truncadas, é agora foco de anulação pelas forças dominantes, internas e externas, do atual governo.

Sem renegar o horizonte da luta revolucionária e o processo de sua construção, e sem abandonar o plano da batalha das ideias, o que o momento nos cobra é uma agenda sobre temas concretos que demandam ação prática. Temas que congreguem o mais amplo campo de forças sociais que se aglutinaram no contexto das reformas de base e no enfrentamento da ditadura que as interrompeu.

Neste sentido, há que se empreender hoje um esforço maior, pois grande parte dessas lideranças, de todos os matizes políticos, já não existe e tampouco ser renovou. O caso de Brizola, neste sentido, indica que os que buscaram substituir liderança, não apenas não tiveram a sua agenda e coerência em torno dela, como não têm a compreensão das decisões a serem tomadas numa situação como a que vivemos. Certamente, figuras como Brizola fazem falta no atual momento.

Pelo fato de o socialismo não ser uma abstração, mas um processo de relações sociais e humanas a ser construído no campo contraditório da

realidade, podemos entendê-lo como amplo campo de lutas contra o que é de fato o capitalismo.

O que é o socialismo? É o irmão-gêmeo do capitalismo, nasceram juntos, na revolução industrial. É indescritível o que era a indústria no começo. Os operários ingleses dormiam debaixo da máquina e eram acordados de madrugada com o chicote do contramestre. Isso era a indústria. Aí começou a aparecer o socialismo. Chamo de socialismo todas as tendências que dizem que o homem tem que caminhar para a igualdade e ele é o criador de riquezas e não pode ser explorado. Comunismo, socialismo democrático, anarquismo, solidarismo, cristianismo social, cooperativismo... tudo isso. Esse pessoal começou a lutar, para o operário não ser mais chicoteado, depois para não trabalhar mais que doze horas, depois para não trabalhar mais que dez oito; para a mulher grávida não ter que trabalhar, para os trabalhadores terem férias, para ter escola para as crianças (CÂNDIDO, 2011, p. 1).

Isso nos sugere que o esforço que se impõe é identificar, congrega e potencializar todas as lutas, embrionárias ou em ação, que concorrem nesse momento para que o projeto das forças que comandam o país e plasmam um estado de exceção não se consolide no médio e longo prazo. A epígrafe de Florestan Fernandes nos indica a dimensão concomitante da tarefa, intelectual e política, a ser feita permanentemente para enfrentar e derrotar a esfinge. À luta, para que tenhamos futuro.

#### **Referências:**

CÂNDIDO, Antônio. Entrevista. O socialismo é uma doutrina triunfante. São Paulo, Jornal Brasil de Fato, 12 de julho de 2011. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/>. Acesso em 22 ago. 2018.

BOBBIO, Norberto. Razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora da Unesp, 1995.

CHACON, Vamireh. História dos partidos brasileiros. Brasília: UNB, 1998.

DE ASSIS ROLIM, César Daniel. A consolidação do PTB na conjuntura político-partidária nacional (1959-1964). Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/download/787/545>. Acesso em: 1o ago. 2019.

FERNANDES, Florestan. Caio Prado \* Florestan Fernandes. Clássicos sobre a revolução brasileira. Compilação de Plínio Arruda Sampaio Junior e Plínio Arruda Sampaio. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

FREIRE, Paulo. A pedagogia do oprimido. 14. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A mídia empresarial e a corrosão dos valores democráticos: a produção do ódio, da violência e do medo. In: MORAES, Denis. Poder midiático e disputas ideológicas. Rio de Janeiro, Editora Consequência, 2019. P.69-93

KORYBKO, Andrew. Guerras híbridas. Das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LÔBO JUNIOR, Dácio Tavares. Representações sociais da escola pública no estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002. Tese de doutorado.

LÖWY, Michel. “A contrapelo”. A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin. Revista Lutas Sociais, São Paulo, n.25-26, p. 20-28, 2o sem. de 2010 e 1o sem. de 2011, p. 21-28.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A sagrada família. São Paulo: Boitempo, 2003.

MARX, Karl. Carta a Ferdinand Domela Nieuwenhuis, 22 de fevereiro de 1881. Disponível em: <http://www.scientific-socialism.de/FundamentosCartasMarxEngels220281.htm>. Acesso em: 30 jul. 2019.

QUADROS, Claudemir de. As Brizoletas: a ação do governo de Leonel Brizola na educação pública do Rio Grande do Sul (1959-1963). Revista Teias (Rio de Janeiro. Impresso), Rio de Janeiro – Uerj, v.34, n.3, p. 1-12, 2001.